



HOMEM NA ESTRADA

Fotodocumentação da vida após as grades

Heitor Pedroso
Helena Pellim
Virginia Faustino
Wellington Costa

HOMEM NA ESTRADA
Fotodocumentação da vida após as grades

1º edição

Presidente Prudente
Unoeste - Universidade do Oeste Paulista
2019

Homem na estrada

Fotodocumentação da vida após as grades

Autoria, Produção e Fotografia: Heitor Pedroso, Helena Pellim, Virginia Faustino, Wellington Costa

Diagramação: Luiz Fernando Estevam Rotta

Edição de fotos: Clayton Andrade

Supervisão e Orientação: Maria Luisa Hoffmann e Luiz Carlos Dale Vedove

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H765e Homem na estrada: foto documentação da vida após as grades [livro eletrônico] / Heitor Pedroso ... [et al.]. --1. ed. – Presidente Prudente : Unoeste – Universidade do Oeste Paulista, 2019.
E-book : il., retrs. ; 21 cm.

E-book, no formato PDF.
e-ISBN 978-85-9492-062-1

1. Fotojornalismo. 2. Fotodocumentário. 3. Jornalismo. I. Pedroso, Heitor. II. Pellim, Helena. III. Faustino, Virginia. IV. Costa, Wellington. V. Título.

CDD – 070.4 / 23ª ed.

Catalogação na publicação: Jakeline Margaret de Queiroz Ortega – CRB 8/6246

Direitos para esta edição:

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em partes, sob quaisquer formas ou quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem a permissão dos Autores.

© 2019 by Autores.

SUMÁRIO

Prefácio.....	5
Marcelo.....	6
Itamar.....	14
Jurandir.....	23
Fabiano.....	36
André.....	44

PREFÁCIO

Há muitas formas de se contar uma história. Pode-se assumir o papel de observador, coletando tudo que for necessário para transmitir de uma forma neutra e distante. O jornalismo tradicional costuma ter esse tipo de abordagem. Impessoal, frio, cinza. Funciona para o jornalismo diário. Mas para contar uma história que toque, que sensibilize, é necessário ir além.

Para escrever esse livro da forma como o idealizamos, foi preciso nos envolver com o assunto em um nível pessoal. Entrar na casa deles, no trabalho, vivenciar suas rotinas, ouvir sobre o que os move, sobre quem eles amam. Não apenas isso, mas pensar e respirar essas diferentes trajetórias de vida com as quais tivemos contato durante mais de seis meses. E tentar colocar isso na fotografia.

Neste livro, você encontrará o registro de cinco vidas, pessoas que vivenciaram o regime fechado no sistema carcerário paulista. Aqui você encontrará registros fotográficos do cotidiano de cada uma delas, pessoas comuns que até hoje carregam consigo, em alguma intensidade, o peso de seus erros. Essas pessoas abriram seus corações e nos receberam em seus lares para contar sobre suas origens, seu passado, seus crimes, seus erros, suas dores, seus medos e, principalmente, suas esperanças.

A fotografia, com linguagem própria e única, é capaz de nos atingir e nos tocar de formas diferentes do texto tradicional. A fotografia reinterpreta a vida real por meio das imagens, servindo tanto como registro quanto como ferramenta narrativa, e permite que as histórias ressoem no leitor de uma forma que o texto não é capaz. Ao trabalhar na construção de um fotodocumentário, as subjetividades e vivências dos fotógrafos são essenciais para que o registro seja humano.

*Heitor Pedroso
Helena Pellim
Virginia Faustino
Wellington Costa*

*“Um homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade: a sua liberdade
Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou
Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!”
- Homem na Estrada, Racionais MC's*



MARCELO

A conversa com Marcelo acontece na sala de sua casa, onde, rodeado pela família, reflete sobre o começo de sua vida.

“Foi tranquila”, ele diz sobre a infância. Vindo de família estruturada, Marcelo nunca chegou a ter contato direto com a criminalidade durante a juventude. Evangelizador na época, conhecia esse mundo apenas por meio dos relatos que ouvia das pessoas que ajudava na igreja.



A vida sempre foi tranquila. Claro, havia dificuldades, mas nada que levasse Marcelo a considerar entrar para a vida do crime. Casado, com três filhos, membro ativo na igreja, não imaginava as situações que estavam reservadas para o futuro.

Sua vida mudou drasticamente de um dia para o outro. “Eu fui traído, e não consegui aguentar a pressão disso”, é o que conta, ao se lembrar dos acontecimentos que o fizeram chegar ao ponto de conhecer a vida atrás das grades.



Um ano e meio foi o tempo necessário para que Marcelo conhecesse diferentes tipos de delitos. De piloto de fuga ao tráfico de armas, chegou a cometer o crime com a pena mais rigorosa do Código Penal Brasileiro: o homicídio.

Ele não chegou a ser pego em flagrante, mas mesmo assim não conseguiu se livrar da sentença. Foram 47 anos de condenação pelos assaltos, os tráficos e os homicídios, dos quais 15 foram cumpridos em regime fechado.

Marcelo não gosta de detalhar as experiências vividas durante o tempo em que esteve no mundo do crime e nem sobre o tempo em que esteve preso; suas declarações são todas evasivas e evitam detalhes.

Após os primeiros três dias em cela, uma figura se aproxima de Marcelo. Roberval, um senhor na casa dos 70 anos, dos quais passou 50 anos entrando e saindo da cadeia. Foi ele quem ensinou a Marcelo as regras de convivência da cadeia e quem lhe deu os conselhos essenciais para amenizar a situação em que se encontrava.



Sua família jamais o abandonou nos longos 15 anos que passou preso. Durante esse período, as visitas, o apoio, o carinho e as orações foram essenciais para que ele pudesse manter a cabeça erguida e preservar sua dignidade, como Roberval lhe ensinou. Lá dentro, onde Marcelo vivia seu pior pesadelo, ele reencontrou a sua fé e a vontade que tinha de ajudar os outros floresceu novamente: enquanto esteve recluso, deu aulas de matemática, português e violão para os outros detentos. Também voltou a pregar os ensinamentos religiosos, como fazia na juventude.



Em 2010, durante um período de relaxamento de processo no qual passou oito meses respondendo em liberdade, ele conheceu Angelita, com quem hoje é casado e tem uma filha de 4 anos.

Ele relembra com carinho a sensação de receber a liberdade, que descreve como uma grande explosão. Mas a felicidade de se ver solto e rodeado pelos familiares veio seguida de preconceito.

A dificuldade para encontrar emprego e a discriminação por alguns membros da família da

esposa o abalaram. Quando pensa nas dificuldades financeiras enfrentadas, ele confessa já ter pensado em voltar para o mundo do crime, e que, inclusive, já recebeu propostas altas para retornar à essa vida.

“Não é fácil, a tentação é bem grande”, diz. Mas o amor por sua filha o ajudou a encontrar forças para recusar as investidas. Ele queria ser exemplo para ela e estar sempre ao seu lado, por isso voltar ao crime deixou de ser opção.

Sem emprego e sem oportunidades, Marcelo começou o próprio negócio. Hoje ele trabalha com construção civil e evita expor o passado. Ele também prefere guardar para si os detalhes sobre essa parte da sua vida. Com receio do preconceito e do julgamento das pessoas, só toca no assunto quando é questionado. Nem mesmo os engenheiros com quem trabalha conhecem sua história.



O caso de discriminação que mais lhe marcou foi durante um café na casa de uma cliente, quando o assunto da conversa na mesa migrou para ex-presidiários. Nesse momento, por se sentir desconfortável, expôs sua situação.

O silêncio na mesa e as caras de espanto foram o suficiente para ele. Após aquele dia, a cliente em questão não o contratou para fazer novos reparos.





Hoje, Marcelo segue sua vida pela fé. Após ser preso, ele se reencontrou na religião que frequentava e as orações lhe deram força para aguentar as adversidades dentro da cadeia.

Ele costuma frequentar a igreja próxima à sua casa, mas também visita outros templos e conhece outras congregações. Após todos os desafios enfrentados, Marcelo segue de cabeça erguida, com dignidade e com uma certeza na vida: “de Deus eu não me separo nunca mais”.





ITAMAR

Itamar é quieto, em uma roda de conversa seria caracterizado como um cara “na dele”. Mas quem o vê assim, tranquilo, não imagina pelo o que ele passou durante a juventude.

Sua vida começou na zona sul na cidade de São Paulo e foi lá onde a convivência com o pai alcoólatra e a mãe deficiente o levaram a morar com um casal de tios.

Em seguida, as constantes agressões sofridas fizeram com que Itamar passasse a viver com a avó, que o acolheu até os 22 anos enquanto os pais foram ter a rua como casa.



O mundo do crime lhe foi apresentado muito cedo. Aos 13 anos ele já começou a cometer os primeiros assaltos e a participar de quadrilhas. Aos 16 já conhecia a vida dentro do sistema de reclusão, após ser reconhecido por uma das vítimas de seus roubos.

Mas, mesmo após receber a liberdade, Itamar não conseguia enxergar outro caminho para a vida que não o do crime.

Sua segunda prisão aconteceu não muito tempo depois, novamente por roubo, mas dessa vez Itamar já era adulto. Cinco anos foi o tempo que ele passou pagando pelo crime.

“É um dia que não termina, um dia que nunca acaba”, ele contou, ao se lembrar da sensação de estar preso.

As lembranças dos conflitos, as rebeliões e a violência sofrida lá dentro marcam sua expressão conforme as memórias são trazidas à tona.

Sua terceira prisão aconteceu em 2009, após comprar um celular roubado, mas dessa vez com uma diferença: Itamar foi inocentado.





A partir desse momento, um ponto de virada ocorreu em sua vida. Itamar conheceu Adriana por acaso, no caminho que fazia para ir no caminho que fazia para ir ao trabalho que tinha como entregador de gás. Aos poucos, uma amizade foi surgindo. Um dia, ela o levou para a igreja que frequentava e, foi a partir desse momento, que a vida dele começou a mudar.

Amparado pelo grupo religioso, Itamar passou a repensar os atos que praticava, as situações pelas quais passava, os traumas e as dificuldades. Desse momento em diante, decidiu mudar de vida.

De volta aos estudos, começou a focar em reconstruir sua vida. A ajuda recebida de Adriana e dos outros membros da igreja lhe deu força na jornada.



Ele estava lutando para superar as dificuldades e mudar de vida, mas ainda assim precisava lidar com o preconceito e o julgamento das pessoas ao seu redor.

A dificuldade para conseguir um emprego estável, a discriminação pelo estigma de ex-detento e o julgamento que as pessoas faziam sobre ele em relação ao passado o marcaram. Itamar conta que chegou a ser discriminado pela forma como falava, já que tinha um linguajar repleto de gírias.



Outra história marcante para Itamar foi a dificuldade que teve para ser aceito pelos pais de Adriana. Foi preciso tempo para que conquistasse a confiança dos sogros e fosse recebido sem reservas.

Foi nessa época que ele conseguiu seu primeiro trabalho com carteira assinada.

A Associação Betesda foi um divisor de águas. Foi lá que, durante seis anos, ensinou arte para as crianças. Mas ainda não era o suficiente: Itamar queria mais.



Conseguiu uma bolsa para entrar na universidade onde, a princípio, o desejo era estudar Letras, mas Itamar acabou indo para a Pedagogia.

A ajuda veio do CAEF (Centro de Ajuda do Egresso e da Família do Estado de São Paulo), que lhe conseguiu a bolsa de estudos para a graduação. Para poder usufruir desse benefício, ele precisou dar aulas aos fins de semana no Programa Escola da Família. Depois da graduação, ele não conseguiu mais parar.

Itamar queria crescer, queria ter estabilidade e apesar de já estar empregado e possuir a formação em Pedagogia continuou estudando.

Ele fez então um MBA, um curso de Artes Visuais, Pós-Graduação em Psicopedagogia e Mestrado.

O garoto que cresceu na pobreza, cometendo crimes, que conheceu a vida atrás das grades e lidou com o preconceito e o julgamento das pessoas por ser ex-presidiário, hoje é Mestre e também cursa mais duas especializações diferentes.

A vida não é perfeita e, por muitas vezes, as dificuldades pareceram insuperáveis, mas Itamar tem se saído bem contra as adversidades.



Hoje, além das aulas, ele dá palestras em presídios e conta sua história, buscando ajudar outras pessoas que passam pela situação em que um dia se encontrou. Ele também escreveu um livro no qual conta sua trajetória.

Itamar quer que as pessoas se lembrem quem são, que são humanos, que apesar do que foi praticado e do que se sofre ao pagar por isso, todos merecem uma nova chance para recomeçar.





JURANDIR

Uma gravidez indesejada. Foi assim que Jurandir veio ao mundo, quando sua mãe, aos 37 anos, se viu à espera do quarto filho. Ela, que havia ficado viúva há pouco, acabou desamparada pela própria família ao ser expulsa de casa. Assim, teve que se desdobrar em trabalhos braçais para garantir o sustento da família, já tão calejada pelas dificuldades da vida.

A infância foi árdua, com os trabalhos na roça junto aos irmãos mais velhos, traumatizados pela perda precoce do pai. Trauma esse que deixou também sequelas em Jurandir.



“Eles andavam durante a noite”, ele conta. Os episódios de sonambulismo dos irmãos o marcaram e foram um incentivo para que ele buscasse consolo na rua, onde iniciou sua vida no crime.

A convivência em casa ficava então cada vez mais difícil. O mau comportamento e as constantes expulsões das escolas que frequentou fizeram com que sua mãe tomasse medidas extremas ao mandar Jurandir, então com 15 anos, para viver com um tio em São Paulo, e foi lá que seu convívio direto com a criminalidade ocorreu.

Foi nas periferias paulistanas que ele teve seu primeiro contato com o crack e com o tráfico. Lá, ele chegou a cuidar de pequenos pontos de venda de drogas, enquanto trabalhava em construção civil. Mas a vida não era fácil, além de ter que lidar com os vícios, Jurandir também precisou enfrentar as dificuldades da pobreza em uma cidade grande, onde não havia nenhum familiar, além do tio, que pudesse ampará-lo.





Naquele momento, a força vinha das conversas por telefone que tinha com seu padrasto, a figura paterna na vida de Jurandir. Eram dele os conselhos e a compreensão que Jurandir buscava. Foi ele quem mais lhe deu carinho durante a infância.

Aos 17, Jurandir retornou para sua casa, em Pirapozinho, no interior de São Paulo. Lá ele se afastou do crack e tentou recomeçar sua vida. Porém, pouco tempo depois, as más companhias o levaram a cometer o primeiro furto.



Anos se passaram até que Jurandir conhecesse o maior medo de um criminoso: a prisão. Aos 27 anos ele foi pego em flagrante com posse de drogas e ficou mais de sete meses encarcerado.

Apesar do vício em drogas e envolvimento em atividades ilícitas, Jurandir sempre trabalhou para ajudar a mãe. Desde muito pequeno ele já a acompanhava nos serviços braçais da roça e todo esse esforço lhe ajudou a conseguir um emprego estável.

Infelizmente, não demorou muito para que Jurandir voltasse a vivenciar situações de criminalidade. Ele voltou a usar drogas e foi novamente expulso de casa.



Mas dessa vez, Jurandir não voltou a morar com o tio. Vivendo na rua, passou três meses em um acampamento do Movimento dos Sem-Terra e mais três meses vagando pela cidade. Foi quando conheceu Alessandra.

Ela, que era mãe de uma filha e divorciada, foi responsável pelo ponto de virada na vida dele e não demorou para que o relacionamento dos dois evoluísse e eles estivessem morando juntos. Em poucos meses haviam se casado.



Em pouco tempo ela estava grávida de Manuel e, finalmente, a vida parecia correr para um caminho diferente. Até o dia em que o excesso de álcool o levou ao extremo durante uma discussão com a esposa.

Jurandir se lembra que tudo aconteceu em um dia de pagamento. Com o salário em mãos, ele foi até o supermercado e comprou carne e cerveja para fazer um churrasco em casa. Foi nesse momento que deu-se início à discussão.

Em casa, a briga continuava e Jurandir, já alcoolizado, acabou por agredir Alessandra com um soco no rosto. Quem chamou a polícia foi a vizinha do casal.

Ele foi novamente preso em flagrante, dessa vez enquadrado na Lei Maria da Penha. Foram cinco meses preso, mas a condenação chegou ao total de seis anos.

Durante o tempo que passou novamente recluso recebeu visitas apenas de Miriam, sua irmã mais velha. Foi ela quem o ajudou a se reencontrar em um caminho já esquecido por ele: o caminho da fé.

Lá dentro, ele voltou suas forças para o relacionamento com Deus e, de acordo com ele, foi assim que conseguiu manter a cabeça erguida enquanto aguardava a oportunidade de se reencontrar com a família.

Enquanto esteve preso, foi perdoado por Alessandra, que decidiu lhe dar uma segunda chance.





“Vi várias pessoas perdoando casos de agressão, pensei que não fazia mal dar a ele uma segunda chance”. Mas também impôs uma condição: aquilo não iria se repetir, pois ela jamais o perdoaria novamente.

Após liberto, Jurandir ainda teve que lidar com mais uma rasteira da vida: a demissão do emprego no qual estava antes de ser preso. Foi a partir desse momento em que ele começou a sentir o peso do estigma de “ex-presidiário”.

Em liberdade desde 2017, vive de pequenos bicos em trabalhos de construção. “Pagam R\$ 60,00 ou R\$ 70,00 por dia”, conta. Mas para alguém que precisa sustentar a família, isso não é o suficiente. Alessandra também está sem emprego, então eles contam com a ajuda da família e dos amigos para que o básico não lhes falte.



Diante dessa perspectiva, Jurandir chegou a considerar voltar ao mundo do tráfico, mas o apoio de sua esposa lhe dá a força necessária para acreditar que as coisas irão melhorar.

Em uma das conversas, quando perguntado sobre qual a maior dificuldade dentre todas as enfrentadas desde o momento em que saiu, a resposta foi surpreendente:

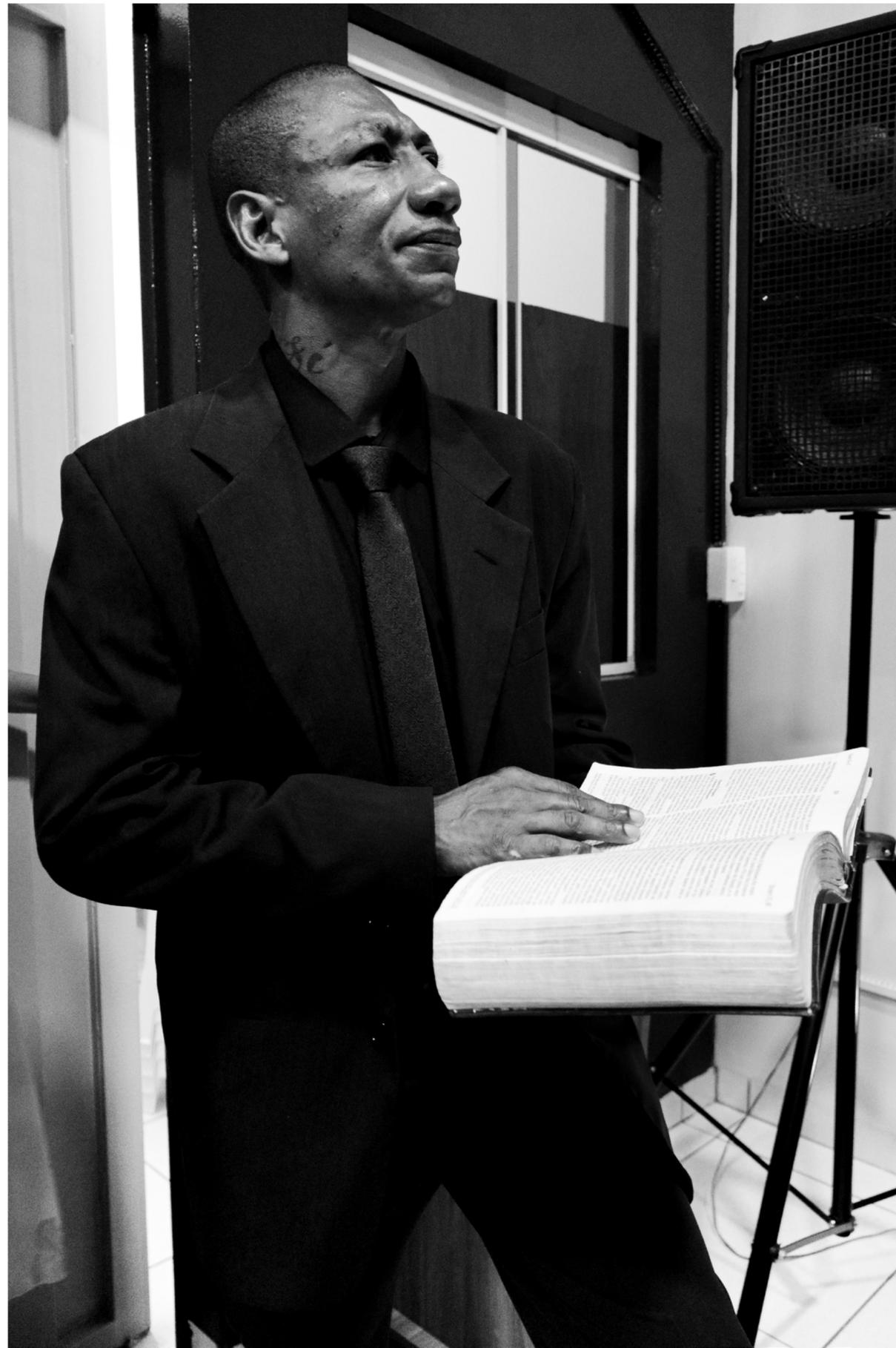
“A maior dificuldade é reconquistar seus filhos, porque eles ficam com um trauma”. Ele assegura que até hoje segue fazendo todo o possível para afastar essas lembranças ruins de sua família.

Atualmente sua vida é pautada pela fé. Jurandir sai de casa apenas para ir à igreja, pois tem medo de ser preso novamente já que seu caso ainda corre na justiça.



Ao chegar à igreja é recebido com carinho pelos demais irmãos da congregação, mas nem sempre foi assim.

O preconceito já rondou Jurandir mesmo dentro da “casa do Senhor”, quando seu antigo pastor lhe virou as costas durante o período em que passou preso. Mas essa não foi a única situação. Ele conta como sempre escuta os sussurros e comentários sobre “o homem que bateu na mulher”, e que foi por culpa do preconceito que perdeu seu antigo emprego.



O pastor que o julgou não congrega mais na igreja que Jurandir e sua família frequentam. Hoje, pelo menos enquanto está lá, não sente o julgamento do mundo em relação aos erros de seu passado. É lá que ele recarrega as energias, cantando a plenos pulmões e orando com fervor. Quando sai do culto, sente-se fortalecido e pronto para enfrentar as dificuldades diárias da sua vida.



“Minha fé foi mais forte que os obstáculos e os erros, então por isso que eu tenho conseguido. Acho que sozinho, se não tivesse minha fé no meio, eu não teria conseguido”.



FABIANO

Em agosto de 1982, nasceu em Presidente Bernardes, Fabiano Fernandes, o terceiro de quatro filhos de Aparecida. Cresceu no sítio e, até os 7 anos, presenciou as agressões do pai contra sua mãe. Seu irmão mais velho muitas vezes também era agredido ao tentar defende-la.

Os pais já estavam separados quando mudou-se para Presidente Prudente, onde morou por 10 anos. Nesse período, completou o ensino fundamental e médio na rede pública da cidade.



Em 2000, ele retornou para a cidade natal e começou a trabalhar em açougues. Com a ajuda do irmão conseguiu um emprego em uma madeireira aos 17 anos. Mesmo com um salário fixo e sendo pago pontualmente, Fabiano queria mais.

Seduzido pela ideia de “dinheiro fácil”, aos 20 anos entrou para o tráfico, como membro de uma facção criminosa. Em pouco tempo, a carteira de clientes passou a incluir figuras importantes como médicos, promotores e empresários.



Com o telefone grampeado em uma ação da polícia, Fabiano foi preso aos 26 anos. Estava deitado em sua cama à noite, quando teve o sono interrompido pela chegada da polícia em sua casa com o mandato de prisão: “a casa caiu”, conta ao lembrar do momento em que foi algemado deitado em sua própria cama.

Pelo período de quatro anos, passou por três penitenciárias: Caiuá, Pacaembu e Hortolândia. Por onde passou, vivenciou rebeliões internas e brigas entre os detentos. Trabalhou na cozinha da Penitenciária de Hortolândia, onde pôde fazer algo que gosta e focar a mente em uma atividade diferente do cotidiano que enfrentava.



Era a Copa do Mundo de 2010, durante o segundo jogo do Brasil, quando Fabiano, enfim, deixou a prisão. Saiu de Hortolândia e pegou um ônibus para Campinas e, de lá, seguiu com destino a Presidente Bernardes, sua terra natal. Chegou de surpresa em casa, para a felicidade de sua família.

Quando voltou para a cidade natal, o lazer era andar pela cidade e ver as mudanças durante o tempo em que esteve fora. Com o apoio dos familiares ele estava disposto a nunca mais voltar para o mundo crime. E não lhe faltou oportunidade.

Ele estava decidido a construir uma nova vida e com isso em mente foi até o antigo emprego, onde pediu pela chance de retomar para a vaga de motorista que ocupava antes da prisão.

Seu antigo chefe, João, lhe concedeu a oportunidade de recomeçar, contratando-o novamente. A retomada do emprego foi um fator essencial para a mudança de vida que Fabiano e sua família tanto desejavam, mantendo-se longe do crime.





“Apaguei da minha vida”, diz sobre os anos que passou encarcerado. Em sua nova vida, a fé em Deus o mantém no caminho certo.

Por mostrar mudanças no dia a dia, foi promovido a encarregado de carga e descarga de materiais por seu atual chefe, Guilherme. “Ele tem mais de 10 anos [de empresa] e sempre faz o que é pedido, faz até mais do que o habitual. Chegou a um ponto que precisava de uma pessoa de confiança para uma função e ele foi convidado a assumir esse cargo.”



Guilherme também apaga de sua memória os anos em que Fabiano esteve preso, pois reconhece o seu amadurecimento.

Hoje, divorciado, Fabiano vive com a mãe, Aparecida, e tem a guarda das filhas que teve em seu primeiro casamento. Também está feliz em um novo relacionamento.



As lições que aprendeu no passado ainda o impactam, mas existe uma que lhe marcou fortemente e que o guia até hoje: “Quando você fica preso um certo tempo, o conceito de muita coisa muda, você cria mais respeito pelas outras pessoas”.



ANDRÉ

André nasceu em 1993, rodeado pelo amor e o rigor familiar. De família bem estruturada, teve uma infância tranquila, assim como o começo da juventude. Até a chegada do Ensino Médio. O menino que sempre foi um bom aluno acabou por se envolver com companhias ruins e essas amizades o levaram ao mundo das drogas. André abandonou os estudos.



Não demorou para que começasse a traficar. André vendia crack, droga conhecida por sua força destrutiva. Enquanto estava no tráfico, chegou a presenciar o assassinato de um dos melhores amigos. “Eu estava destruindo a minha vida e a dos outros”, conta, ao se lembrar daqueles dias sombrios. André parou de vender e investiu o dinheiro que havia ganhado em materiais para trabalhar como tatuador.

Um dia, após tatuar um amigo, decidiu aceitar o pagamento em drogas que utilizaria para consumo próprio. Nesse momento, André, o amigo e mais dois menores de idade foram presos em flagrante.

Ele, que tinha 18 anos, passou dois anos e oito meses preso, condenado por tráfico, associação e corrupção de menores. “Foi ali que acordei para a realidade, eu tinha que crescer e criar juízo”. Dentro da cadeia, André voltou a estudar, concluiu o Ensino Médio e trabalhou confeccionando sacolas.





Foi a família que lhe deu forças para superar, mas André se sentia triste por vê-los indo visitá-lo naquelas condições. Muitas vezes o pai precisou pegar o carro da empresa em que trabalha emprestado para poder vê-lo em Caiuá, onde cumpria pena antes de ser transferido para Montalvão.

A liberdade foi conquistada em 2015, pouco depois do Dia das Mães, e ele aproveitou a oportunidade para fazer uma surpresa para a família que, emocionada, o recebeu de braços abertos.



Ao ser solto, ligou para o seu pai, que não o atendeu, pois não viu a ligação no momento. Chegou em casa de carona, surpreendendo toda a família. Relembra, muito emocionado, o momento em que sentiu o forte abraço de sua mãe.

Ele encontrou dificuldades para voltar a trabalhar devido ao preconceito. Conseguiu uma oportunidade com a ajuda do pai, que o indicou em uma madeireira.

“Pai e mãe não quer passar por aquela situação”, conta Osvaldo, o pai de André, ao lembrar dos momentos de dificuldade que enfrentaram juntos enquanto ele estava preso.



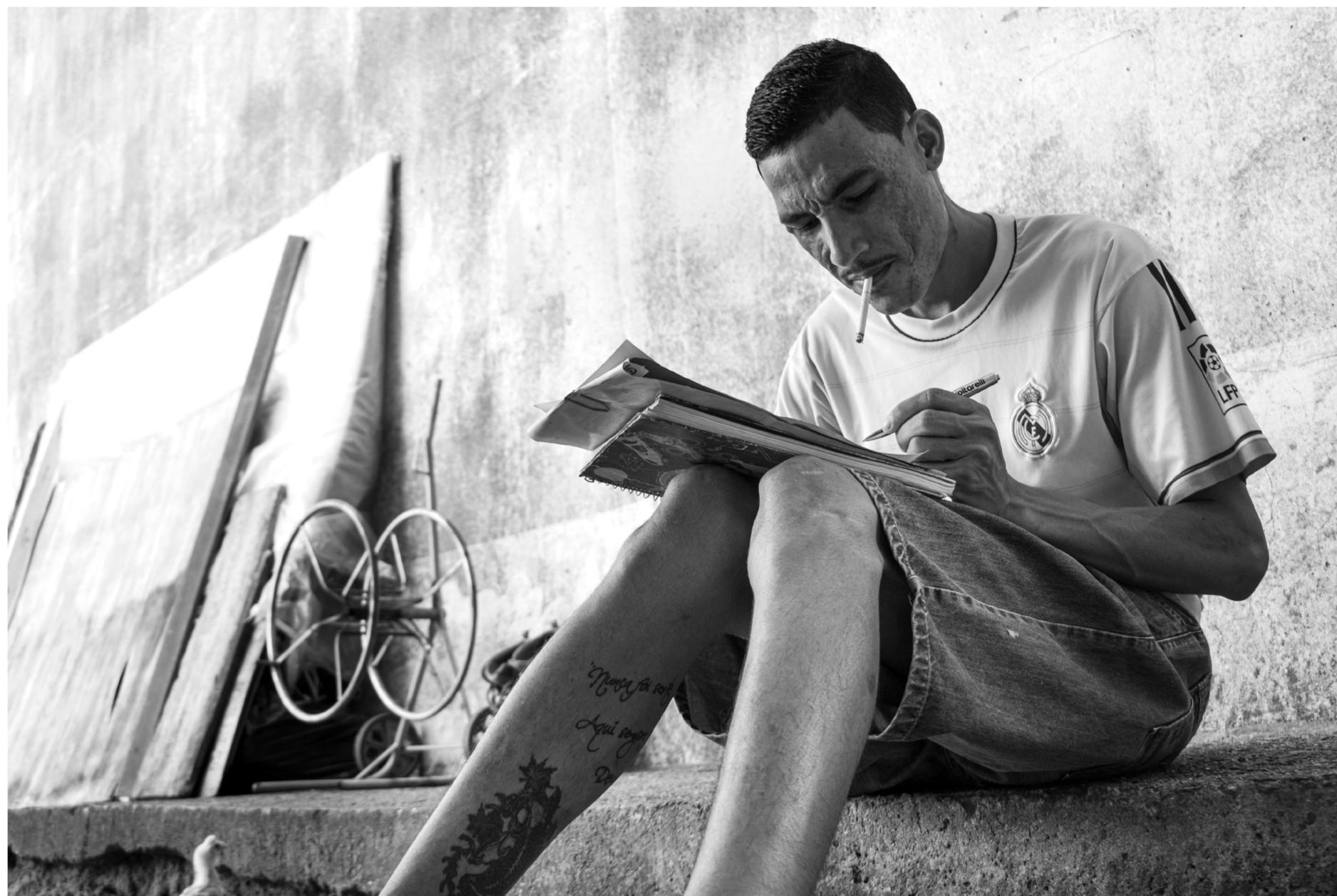
O pai está sempre de olho em André e diz que constantemente incentiva o filho a agradecer pela vida que conquistou aqui fora. “Ele é um bom menino, é trabalhador”.

“Falo para ele que foi Deus quem tirou ele de lá, mas a pessoa tem que querer ser ajudada por isso tem que tomar cuidado com quem anda”, lembra Osvaldo dos constantes conselhos que dá para o filho.

Há quatro anos trabalha em uma madeireira, que emprega outros funcionários que já passaram pela mesma situação de cárcere.

Uma das melhores lembranças de André foi o momento em que recebeu seu primeiro salário, pois, assim, poderia retribuir todo o apoio que teve de sua família enquanto estava preso.





André, que já recebeu convites para voltar ao tráfico, hoje não se envolve mais com suas antigas amizades. Ele segue em seu trabalho e frequenta uma igreja com seus pais, onde conheceu Daniela, com quem é casado.

Hoje, André se orgulha da pessoa que se tornou, mesmo após tanto sofrimento e dificuldades. “Para mim foi uma lição de vida totalmente extrema e que não desejo a ninguém. Sua liberdade é tudo o que você tem.”



Ele conclui sua história lembrando do momento em que foi solto: “Queria pisar na terra, a primeira sensação de pisar na areia, sentir o cheiro das plantas, o vento... É o ar da liberdade, é muito gostoso”.



FACOPP

Unoeste